

— Vamos, vamos, acalme-se! Isto faz mal ao sangue. Clifford apertou-a contra si, como uma criança e en-sopou-lhe de lágrimas o avental. Abandonou-se-lhe inteiramente.

Ela o agarrou e embalou-o ao peito, pensando lá consigo: "Ó Clifford! Ó altos e poderosos Chatterleys! A que extremos chegastes!" E Clifford acabou dormindo como uma criança. Ela então, esgotada, deixou o aposento e pôs-se a rir e a chorar a um tempo, também num acesso de histeria. Era grotesco! Era horrível! Que queda! Que vergonha! E apesar disso, como era comovente!

Daí por diante, a conduta de Clifford para com Mrs. Bolton foi duma criança. Agarrava-lhe a mão, repousava a cabeça em seu seio. Uma vez que ela o abraçou de leve, pediu: "Sim, abrace-me!" E ela o abraçava, quase a rir-se.

E ele ficava largado, vazio, num maravilhamento de criança. E contemplava-a com os seus grandes olhos de criança, em completo abandono àquele culto da Madonna. Abandono completo da virilidade, um retorno quase perverso ao estado de criança. Passava-lhe as mãos pelo peito, tocava-lhe os seios, beijava-os com exaltação — exaltação dum homem que quer fazer-se criança.

Mrs. Bolton sentia-se ao mesmo tempo encantada e envergonhada. Gostava e odiava aquilo. Não o repelia nunca e uma estreita intimidade física se estabelecia entre ambos, uma intimidade de perversão que fazia dele um menino cândido perdido num maravilhamento semelhante à exaltação religiosa.

Coisa curiosa: quando esse homem-criança que era Clifford ressurgia para o mundo, mostrava-se bem mais vivo, bem mais hábil do que o fora antes. O homem-criança tornava-se então verdadeiro homem de negócios, penetrante como agulha ao tratar dos seus interesses. Em luta com outros homens chegava sempre aos seus fins e tirava o máximo proveito de tudo, mostrando astúcia e dureza impressionantes, quase sinistras, e uma espantosa segurança no ataque e na defesa. Era como se sua passividade e prostituição à Magna Mater lhe dessem uma visão mais profunda das coisas materiais. Do agachamento nas suas emoções íntimas, da sua inteira desvirilização, como que brotava uma segunda natu-

reza, fria, quase visionária, perfeitamente adaptada às situações. Em matéria de negócios, tornara-se quase inumano.

Era o triunfo de Mrs. Bolton. "Como agora tudo lhe sai bem! dizia a enfermeira com orgulho. E é a mim que o deve. No tempo de Lady Chatterley as coisas não vinham assim. Ela não é o tipo de mulher que faz um homem ir para a frente."

Mas, ao mesmo tempo, nalgum canto da sua estranha alma feminina, como o desprezava e odiava! Aos seus olhos Clifford não passava de um animal caído, de um monstro abatido. E ajudando-o e encorajando-o do melhor modo, lá no íntimo de sua sã feminilidade de outrora ela o desprezava com um desprezo sem limites. O mais vil vagabundo merecia-lhe mais que ele.

A linha de conduta de Clifford para com a esposa rebelde foi curiosa. Insistiu em vê-la; mais: exigiu que ela viesse a Wragby. E mostrou-se intransigente nesse ponto.

— Mas que adianta isso? dizia Mrs. Bolton. Não será melhor dispensá-la de aparecer aqui?

— Não! Ela disse que voltava e tem de voltar, é preciso que volte.

Mrs. Bolton cessou de fazer objeções. Era inútil. Clifford escreveu a Constance:

"Não tenho necessidade de dizer o estado em que fiquei com sua carta. Bem que poderá imaginar isso, se quiser, mas sei que não quererá dar esse trabalho à imaginação.

"Sua carta só tem uma resposta: É preciso que a veja aqui em Wragby para que possa tomar qualquer resolução. Lembre-se que solenemente prometeu voltar e eu a não libero da promessa. Não posso crer em nada, pensar em nada, antes de a ter aqui em minha presença, em circunstâncias normais. Não tenho necessidade de dizer que ninguém em Wragby suspeita de coisa nenhuma, de modo que o seu retorno parecerá natural. Só então, depois de debatido o caso, e na hipótese de não mudar de idéia, é que poderei tomar uma resolução."

Constance mostrou a carta a Mellors.

— Ele começa a vingar-se, disse ele ao restituí-la.